

IMIGRAÇÃO

Como vivem os brasileiros em Nova York

Claudio Versiani/AE



Imigrantes comemoram o Dia do Brasil, em Nova York: sonhos de prosperidade e dinheiro

Em 'Brasil Fora de Si', historiador discute a vida dos imigrantes e sua identidade fora do País

tal circunstância, exercitando as práticas de história oral e de "história do tempo presente".

Estado - Como foi organizada a pesquisa? Como realizar 700 entrevistas?

Meihy - Segundo os pressupostos do tipo de história oral que pratico, fiz uma bateria de entrevistas iniciais, ajudado por amigos e jornalistas brasileiros locais. Depois de ler todo material disponível, organizei a investigação notando os espaços físicos onde os brasileiros se movem, registrei suas explicações "históricas" vindo de que maneira chegaram até lá e como se apropriaram das áreas escolhidas. Observei as soluções de sobrevivência, as estratégias para contornar os problemas legais, as perseguições e controles da "imigração" e a articulação interna do grupo. Levantei o perfil dos 'brasucas' nova-iorquinos, acen-tuadamente jovens, sozinhos, com pouco domínio do inglês, sem dinheiro ou grandes referências da cidade. Além de mais de 600 entrevistas feitas lá, também utilizei cerca de 100 outras feitas aqui com os retornados.

Estado - Qual o papel da história oral nesse trabalho? Como a história oral vem se desenvolvendo no Brasil?

Meihy - A história oral é um recurso novo no Brasil e, apesar de bastante aclamado, ainda carece de melhores definições entre nós. Como entendo que a história oral cuida concentradamente de "memória e identidade", quis ver como se dava esta relação em uma circunstância específica: quais as representações que os patrióticos teriam, sobre si próprios e sobre a coletividade cultural a que pertencem, quando submetidos a outros contextos nacionais. Na mesma ordem, como se organizaria a identidade daqueles que deixaram sua cultura original em busca de novas soluções de vida. Como meu enfoque não eram a elite artística e empresarial, criei modos próprios de pesquisa e isto exigiu mais do que entrevistas: em muitos casos, convivi com pessoas e famílias.

Estado - Qual o significado do 11 de Setembro para os brasileiros nos EUA?

Meihy - Diria que tudo mudou depois do fatídico 11 de Setembro. De um modo geral, foi um momento de corte na rotina dos imigrantes e serviu para muitas redefinições. Em termos da imigração, muitos que não se adaptaram aproveitaram para voltar; outros, se americanizaram de vez. Sobre os brasileiros, convém notar: os que possuíam bens duradouros, como casa, ou estavam trabalhando com alguma regularidade, ou mesmo os que tinham famílias lá, se firmaram como os americanos. Hoje, mesmo redobradas as dificuldades de ingresso, o número de possíveis imigrantes têm se mantido bem elevado. Mas, depois do 11 de Setembro, pode-se dizer que o eixo dos imigrantes brasileiros para os EUA mudou e atualmente ci-

dades de médio porte têm sido mais procuradas: Atlanta, Santa Fé, Miami. Outro efeito sobre os brasileiros é que com o controle maior dos portos de entradas aéreas, e com a mudança da política mexicana, que não exige mais visto para turistas brasileiros, a larga fronteira com os EUA tornou-se uma alternativa nova.

Estado - Quais os motivos desta saída para os EUA? Como entender a mudança de um "País acolhedor de imigrantes" para "exportador"?

Meihy - Um dos mais graves problemas da atualidade é a evasão de brasileiros para fora do País. Ela vai se agravar num futuro próximo e não há uma política para lidar com a questão. A partida em direção aos EUA vem de um processo de encantamento desenvolvido ao longo dos últimos

40 anos. O notável é a mudança de eixo dos nossos imigrantes. Com os efeitos do passaporte europeu (particularmente do italiano), a classe média e os estudantes têm buscado mais a Europa. Para os EUA, têm ido pessoas de baixa renda e com pouca qualificação profissional. Moralmente, para nós brasileiros, têm sido muito difícil aceitar a mudança de "país acolhedor" para "exportador".

Estado - Os brasileiros nos EUA preocupam-se em manter vivas raízes e tradições? Como é ser brasileiro em um país como os EUA?

Meihy - Sem tradição de viver fora do País e até mesmo sem aceitar que este é sim um processo de imigração, os brasileiros vivem fora do Brasil como se fossem voltar logo. E querem viver lá como se fosse aqui. Esta forma de pensar e agir faz com que eles renunciem soluções de adaptação e isso contribui para um bloqueio de aprendizado da língua inglesa. Recria-se um Brasil imaginário, onde os problemas são esquecidos em favor de fantasias que evocam nossa terra como um local paradisíaco, com boa música, comida e amenidades plurais. Esta idealização corresponde às dificuldades encontradas quando se vive em um país com cultura própria e de difícil assimilação para quem não abre mão de seus pressupostos culturais. Mas como o desafio da vida em uma cidade como Nova York gera muitas expectativas, de um modo geral, os brasileiros que vivem lá acabam também inventando uma situação romanceada, ocultando dos parentes e amigos distantes as dificuldades e criando uma vida dourada que raramente pode ser encontrada. Medo, solidão, deformação psicológica são problemas facilmente encontrados entre os brasucas.

KARLA DUNDER
Centenas de brasileiros desembarcam nos Estados Unidos todos os anos, um fenômeno que chamou a atenção do professor da USP, José Carlos Sebe Bom Meihy. Foram cinco anos de pesquisa, 700 entrevistas e 15 meses morando em Nova York para trazer à tona os dilemas e a maneira como tantos brasileiros lidam com sua cultura, memória e identidade. O resultado do metucioso trabalho está no livro *Brasil Fora de Si* (Parábola, 384 págs., R\$ 43, tel. 0-11 6914-4932), que o autor comenta em entrevista ao Estado.

Estado - O que o motivou a pesquisar a vida de brasileiros em Nova York?

José Carlos Sebe Bom Meihy - Em 1998 ganhei uma bolsa da Universidade de Columbia, em Nova York, para um estágio no Oral History Office. E acompanhei o drama de cerca de 300 mil brasileiros que vivem ali. Logo, a situação de ilegalidade de cerca de 70% dessa população me chamou a atenção e me vi desafiado a entender



LONGE DAQUI, IDEALIZAM A TERRA NATAL

QUADRINHOS

FRANK & ERNEST/ Bob Thaves



MINDUIM/ Charles M. Schulz



O MELHOR DE CALVIN/ Bill Watterson



RECRUTA ZERO/ Mort Walker



TURMA DA MÔNICA/ Mauricio de Sousa



SOLUÇÃO ANTERIOR

S	E	M	A	N	A	A	B	M	A
L	O	B	O	E	O	B	O	G	
L	A	R	A	A	L	F	I		
G	E	R	A	L	D	F	O	R	O
T	F	C	O	I	T	A	A	O	
T	A	T	S	T	A	C			
A	U	R	B	U	R	T	O	B	A
L	E								
X	I	M	B	I	C	A	D	E	R
O									
O									
R	R	C	L	A	T	O			
L	A	R	A	A	M	A	R		
R	U	B	T	S	E	V	I		
R	E	M	E	L	A	E	N	N	E
T	A	M	B	U	I	C	L	L	O

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

Louis Armstrong	Mulher nobre	604, em romanos	Que tem poder absoluto	Cader, de ar Rio paraense	Motivos: pretextos Canfira brasileira
De má qualidade	Ator brasileiro de telenovelas	Urina (bras. inf.)	Chitre (bras.)	Aluente do Rio Paraguaçu Ator: ligar	Guarnecer com membros de voo
Grupo sangüíneo	Conciliar; harmonizar	Botânica (abrev.)	Sagazes; maliciosos	Galinha (pt.)	(?) Donald, criação de Disney
Engula, em inglês indivíduo rixoso	Esposas do rajá	Linha, em inglês	Relativos à Marinha	Símbolo de "renda"	Señhor (abrev.) Prorrogado
Chile	Comete adúlterio	Chitre	Uinha de torras	Capital da Jordânia	Espanito; assombro
Vírus (?); agente da Aids	Regina (?), atriz brasileira	Relativo ao pranto (pl.)	Associação	A mais famosa ópera de Verdi	Períodos de 24 horas
Relativas aos componentes do esqueleto	(?) Sandler, comediante (EUA)	BANCO	edpa/z	Sufixo de "guiso"	